

MÃOS, GAZES E ATADURAS

Por Wander Shirukaya

Até então minha relação com meu marido era promissora, não me cansava de lhe render os mais pomposos elogios; uma das razões ia muito além das qualidades que há de se exaltar em um cônjuge: simplesmente adorava a beleza e destreza que tinha na fatura de suas obras de arte desde que nos conhecemos no curso de Artes.

Passávamos dos vinte anos. Embora estivéssemos casados, ainda mantínhamos em nós uma efervescência que só nos atraía. Minhas ilustrações e aquarelas me fizeram ganhar a admiração de todos com quem estudei, mas era notório que, em comparação à técnica que meu então amigo tinha, eu era um zero à esquerda. Até tive melhor desempenho nas notas, mas na prática, a beleza que ele conseguia extrair de suas esculturas era incrível. No começo me sentia muito enciumada, porém acabei me rendendo a ele e a seus encantos. Namoramos durante alguns anos e, logo após a formatura, nos casamos. Como nossas condições financeiras sempre nos deram uma vida confortável, não tivemos dificuldade em conseguir uma boa casa com um porão que nos servisse de ateliê. Entretanto, certo dia, algo me intrigou profundamente e pôs fim a toda paisagem de deslumbres que havíamos pintado.

Trabalhar com cera, silicone e coisas do tipo sempre trouxe às esculturas de meu marido uma semelhança com a realidade que, muitas vezes, tornava-se perturbadora. Lembro de uma boneca de cera de uma modelo que fez sob encomenda. Passei dias remoendo o que sentia, se era admiração, se repulsa; algo me fazia passear entre estas sensações, especialmente pela precisão cirúrgica de sua composição. Meu esposo realmente tinha o dom para aquilo. Após alguns dias, só uma estátua, Célia, só uma estátua, acabei por me habituar. Mais uns dias à frente e a estátua foi vendida. Porém, ao pensar que tinha me livrado daquela estranha sensação, meu esposo criou uma obra que me deixou, no mínimo, consternada.

Era feita de silicone e tinha o tamanho natural; a tonalidade da “pele” era bastante leve, o que a fazia extremamente pálida, porém não inverossímil. Encontrava-se posta em um pequeno suporte de mármore, sua única proteção. Partes da pele estavam envoltas a ataduras, tratadas esteticamente para parecerem gastas – às vezes me questionava se meu marido as havia roubado de um necrotério ou hospital, tamanha era a estranheza do resultado. Tons de vermelho muito fortes davam a impressão de que estavam manchadas de sangue, ocultando uma eventual ferida. Mas não havia ferida, era apenas um simulacro, uma escultura absurdamente bem feita. E por que trazê-la para nosso quarto? Calma, meu amor, a iluminação do ateliê é diferente, estou querendo novos resultados. Acho, inclusive, que logo troco as luzes de lá. Admirava a sua perspicácia e criatividade, realmente as luzes brancas do porão causavam impacto diferente do amarelo suave do restante da casa (mas por que justo o quarto?), talvez

tenha sido por isso que me impressionava tanto o clima funesto daquele par de mãos feridas. Bastou que eu dormisse àquela noite e tive um pesadelo horrível, as mãos abandonaram o mármore em que descansavam e vieram até minhas pernas, subiam ásperas pelo dorso até me circundarem o pescoço, o ar sumindo, as mãos pálidas, de chagas profundas, vertendo sangue pelas ataduras, seus dedos apertando mais e mais, estalos de pescoço, a voz sem sair, gritei um socorro que bateu e voltou dentro de mim, ouvido talvez pelo coração acelerando em agonia e asfixia, o ar, estalos do pescoço, as veias das mãos salientes e vorazes por entre as ataduras, as luzes se esvaindo, escorrendo...

— Não!

Acordei com meu próprio grito abafado, rosto enfiado no travesseiro. O medo de me virar e respirar era grande, não queria me deparar com aquela escultura horrenda. Me encolhi toda entre os lençóis, me movendo apenas para buscar o calor de meu... Marido?

Foi quase um ato reflexo: atirei os lençóis para o ar, o abajur ligado. Tremi ao ver as mãos, imponentes, paradas no mármore e fazendo uma sombra enorme entre a penumbra. Cadê ele? Cadê? A escultura inerte, minhas mãos inertes. Levantei às pressas, em uma coragem repentina; eis que, ao passar pela porta do quarto, senti algo me puxar, acabei caindo, engatinhei ainda apressada, joelhos doendo, não olho pra trás, não olho, não olho, não...

— O que aconteceu, meu amor?

Ele explicou que havia se levantado para beber um pouco d'água; me puxou e acolheu em um abraço. Finalmente olhei para trás, os lençóis ao chão – teria tropeçado neles? Calma, meu bem, vamos voltar pra cama. Pedi que tirasse aquela coisa do quarto, ele retrucou com suavidade, é só uma escultura. Tentei me convencer daquilo o resto da noite, as mãos em sombras enormes na parede do outro lado, desliga o abajur, querido, por favor...

Tentava ao máximo manter a compostura. Como eu, pessoa inteligente e centrada que era, podia me sentir tão perturbada por aquele troço? Não, não era troço, era uma obra de arte. Já com o sol a pino, acalmei as pernas e fui até as benditas mãos. A vivacidade era tanta que sentia como se ela me visse ou percebesse. Perfeitos cada linha, traço e furo que a compunham, beleza grotesca inquietante. Eram mãos femininas, riscos muito leves, unhas bem feitas, apenas com as cutículas borradas em vermelho, tal como sangue. Ataduras manchadas, gazes tingidas de um rubor que só faltava...

Pingar? Corri, corri, coração no pé, desci as escadas, o porão, amor, a estátua, a estátua, amor, tá pingando, tá pingando! E por que o susto, Célia? Acho que a tinta que borrifei nas gazes foi muita. Pegou uma bolinha de estopa, um vidrinho de thinner, subiu para limpar o que sujou, havia dado um retoque na escultura há poucos minutos e depois descera para novas tarefas no ateliê. A essa altura, meu esposo já demonstrava certa preocupação comigo. Tentei então esconder minhas impressões, não estava louca, apenas assustada; a estranheza daquela coisa me fazia achar que ela estava prestes a se mexer. Me mantive com a cabeça no lugar quando, logo após o almoço, fui ao quarto e não encontrei o objeto. Você pegou a escultura, foi? Sim, meu

amor, está comigo no ateliê, estou retocando a tinta que borrou. Minha calma me fez pensar que tinha me livrado da hesitação. Todavia, bastou que a noite me pusesse para dormir e senti então pavor maior.

O começo do sono me levou a um ambiente bastante familiar, a sala de aula, nós conversávamos sobre artes, aquelas conversas que todos julgam prolixas, mas na verdade adoram ter. Nosso professor não havia chegado ainda, meu marido me mostrava fotos de alguns de seus trabalhos no laptop. Nossa, como você consegue fazer coisas tão... Reais! Não havia esculturas grotescas como o par de mãos que me perturbava, mas já algumas obras pequeninas feitas com silicone. O realismo era notável, admirável, causava inveja mesmo aos professores. Sempre quis fazer belos trabalhos daquele jeito com minhas aquarelas, só que aquarelas têm suas próprias razões de ser, suas especificidades, nada se comparam ao realismo obtido através do manuseio do silicone, da resina. Mesmo assim fiz minhas obras, os amigos gostavam. Cheguei a ter alguns trabalhos exibidos em galerias importantes do estado. Professor não vem hoje, teve um contratempo. Lá fomos então para os jardins não tão bem cuidados da faculdade, beijos, abraços, inspirações para tantas novas obras. E pisquei os olhos e me deparei com as mãos, sim, aquelas ataduras, as gazes pingando sangue, subindo em meu colo, buscando vorazes o meu pescoço. Amor, cadê você? O céu do meio-dia sumiu, deu lugar a um escuro bizarro, que não se totalizava por causa de uma luz, de onde vem essa luz, de onde? Um golpe de luz, fraca, tão trêmula quanto meus dentes, foco direto nas mãos que se arrastavam pelo meu corpo, não, não, sai daqui! O toque sai do suave em direção a uma pressão inimaginável. Os primeiros estalos no pescoço. Ar. Queria muito o ar, a vista novamente despencando no torpor, falta de ar. Falta de...

Daquela vez não cheguei a gritar, abri os olhos, me deparei com meu próprio braço enroscado no pescoço. Me encolhi na cama; meu marido, desta vez, estava lá. E as mãos? E as mãos? Juro que queria ver se elas estavam lá, acabei me encobrendo nas costas do esposo. Repeti a operação nas várias vezes em que acordei durante a noite.

Ouvi dizer que certos números possuem uma energia especial consigo. Nunca fui muito de credices, mas é fato que na terceira vez as coisas sempre chegam a níveis insuportáveis. A noite estava por vir, temia sonhar uma terceira vez com aquela coisa. Desci ao ateliê. Ainda envergonhada, pedi ao meu esposo que deixasse a escultura em outro lugar, ela estava me incomodando. Ele não riu, um cavalheiro até nisso, disse que eu estava impressionada e que aquilo logo passaria. Tudo bem, meu amor, vou deixá-la na sala hoje, já está pronta, retirei os excessos da tinta, veja. Ficou muito bonita, respondi insossa. Olhei-a diretamente mais uma vez, vi as mãos pálidas quase me analisando, cheguei a ter a impressão de que as conhecia de algum lugar... Desviei os olhos, sentei do outro lado, diante do meu cavalete preferido, onde me esperava uma tela em branco. Esboços em uma folha A3. Abracei meu marido pelas costas, mostrei os rabiscos, o que você acha? Estão bons, talvez um ajuste ou outro só pra melhorar o enquadramento. Lhe dei um beijo e voltei ao trabalho. Curiosamente, saber que as mãos ainda estavam

ali naquele lugar me perturbava. Havia outras esculturas tão belas quanto, mas aquela... Tinha até uma figura humana inteira em tamanho real, mas aquelas duas mãos possuíam algo que... Procurei não pensar mais naquilo ao máximo, as aquarelas daquele dia saíram horríveis. Tive vontade de esburacar a tela, meu marido do outro lado, não sou louca, me contive. Eu tinha de dar um fim naquela situação, mas como fazê-lo sem saber o que realmente ocorria? Saí para tomar alguma coisa na cozinha, única coisa que me veio à cabeça.

E eis que o terceiro sonho, que tanto temia, veio com tudo. A obra grotesca dormiu na sala, bem longe de minhas vistas, tranquei até a porta do quarto para me proteger, pouco adiantou. Sentia-as correr, mais ou menos como nos sonhos anteriores, pelo meu corpo, buscando meu estrangulamento, veio o primeiro estalo, a respiração se esgueirando pelo pescoço, não, sai daqui, sai! Sai! Elas me apertavam mais e mais, o atrito das gazes e das ataduras, que som horrível, coragem, Célia, coragem, como se criava coragem em sonho eu não sabia, mas tentava, tentei até conseguir agarrá-las, puxei-as com força, não me largavam, aquele escarlate deixando marcas em minhas mãos e meu pescoço; gritei com toda força que nem sabia que tinha, sai! Sai daqui! As mãos voaram, caíram ainda no leito e continuavam me perseguindo, meu pescoço pedindo ar, peito ofegante, meu Deus, aquelas coisas repugnantes, vindo, vindo, elas seguraram minhas mãos, que era aquilo, meu deus, começaram a puxar e puxar, não, a dor os pulsos, não, um puxão mais violento, sangue, não...

— Não!!!

Acordei gritando, berrando lágrimas, a pressão baixando. O sol forte vindo da janela, meu marido batia à porta, o que está acontecendo? Célia, querida, cheguei no ateliê e vi todas as estátuas quebradas, quem fez aquilo com meus trabalhos? Célia, porque trancou aqui outra vez, abre essa porta, abre! As batidas cada vez mais desesperadas, eu não podia abrir, chorava apenas, aquelas mãos, que marcas são essas em meus pulsos? Elas bastante inchadas e avermelhadas, tal como se inflamadas devido a uma má costura, não, isso é loucura, isso não tá acontecendo, olho minhas mãos, as unhas feridas, a pele pálida, as gazes encharcadas, as ataduras, não pode ser, minhas mãos! Minhas mãos! A dor na costura dos pulsos era muito forte, suor escorrendo o ar correndo enfim livre, queria que não corresse, assim não veria aquilo, abre essa porta, o que foi, meu amor, eu não posso, não posso, diante daquela cena ainda tentei me erguer, bastou que olhasse para o mármore – como ele veio para lá novamente? As mãos que lá estavam, limpas, claras, bem cuidadas bem... Minhas? O esposo arrombou a porta, naquele exato momento palavra nenhuma saiu, chorava observando o que me tinha acontecido, pressão baixando, desmaiei...